

**Coisas da política**

São Paulo, "locomotiva do Brasil" de onde alça vôo a candidatura do deputado Paulo Maluf, está definitivamente incorporado a história da pior recessão que o país já amargou. Lá, há pouco mais de um ano irrompeu um surto de saques a supermercados, que se espalhou por outros Estados, e na semana passada 10 mil bóias-frias rebelaram-se contra condições desumanas de trabalho. Nas batalhas com a polícia em Guariba, um morreu, 28 ficaram feridos. Dez anos depois repete-se um contraste secular que mancha o perfil social do Brasil. Foi também em São Paulo, na despedida do "milagre econômico" em 1974, que disseminou-se uma epidemia de meningite, na época varrida dos registros pela censura.

Guariba está a léguas do programa redentor que o candidato Maluf distribui com prodigalidade por todo o país. Os cortadores de cana revoltados desfiaram reivindicações constrangedoramente rudimentares. Queriam receber diárias em dias de chuva, pois não têm poderes de governar condições climáticas. Não concordavam viajar atulhados como sardinhas em caminhões que também carregavam foices e facões para não ficarem expostos, a qualquer solavanco, a um acidente. Exigiam de seus empregadores o fornecimento gratuito de luvas e tornozeleiras, porque seu trabalho consiste em cortar cama e não a si próprios. Quase dois séculos depois de europeus e americanos, conquistaram com o movimento estes direitos comezinhos.

Os bóias-frias conseguiram também um aumento de salário, mas nada que seja tranquilizador. "A situação que atravessamos é muito grave", reconheceu Luis Amilton Montans, presidente do Sindicato Rural de Jaboticabal, um dos que costurou o acordo pelo lado dos empregados. Nas franjas da riqueza de São Paulo a chaga da fome é a mesma que assola todo o país. Num levantamento que ficou conhecido em março, o IPEA, órgão do governo, mostrou que 86 milhões de brasileiros sobrevivem com muito menos que as 2 mil 240 calorias prescritas pela FAO como dieta mínima. A fome produz uma raça de crianças raquíticas, homens condenados à baixa estatura, deficiências irremediáveis no desenvolvimento intelectual e gente mais vulnerável a doenças.

Nesta legião de faminto, e subnutridos, há 20 milhões a mais do que os que estariam aptos a votar, caso as eleições diretas para presidente da República fossem agora. Distante deste quadro desolador, o programa do candidato Maluf, que espera se eleger com pouco mais de 300 votos no Colégio Eleitoral, carrega na garupa um São Paulo muito diferente daquele que apareceu em Guariba. "Esperança" é sua palavra mágica para o progressismo fútil e moralista que pretende vender. A proposta central, que martela em entrevistas e nos ouvidos dos convencionais do PDS, é a promessa de erradicar a mordomia, leiloando dachas ocupadas por figurões da administração pública em Brasília, desidratar os privilégios das empresas estatais, e arregaçar as mangas para trabalhar.

O estilo de desenvolvimento que Maluf propõe dispensa cuidados especiais com a miséria. Trabalhando duro, com austeridade, o país fatalmente reencontra seu glorioso destino. Geralmente tal suposição dá como certo que o estoque de miséria é constante e entrega à fome a tarefa de operar uma seleção natural que purifique o país da pobreza. Seria como voltar ao século XIV. Numa Europa que desconhecia a penicilina, a peste bubônica dizimou cidades inteiras, reduziu em mais da metade a população de outras tantas, atirou um continente inteiro

nas trevas. Com os que sobraram, o século XV assistiu o esplendor das conquistas marítimas e um extraordinário período de prosperidade.

Quinhentos anos depois entregar a miséria à sua própria sorte não vai resolver problema algum, nem se estará assistindo o prólogo de vacas gordas. Ao contrário. Em 1830 os versos de uma canção folclórica inglesa diziam: "Se a vida fosse coisa que o dinheiro pudesse obter / os ricos viveriam e os pobres deveriam morrer". Antes de ser um canto resignado o verso era o prenúncio, na década seguinte, de agitações sociais que deram um status mais digno aos trabalhadores ingleses.

O mais curioso, no caso de Guariba, é que o candidato favorito em eleições indiretas é fruto da mesma ecologia onde fermentaram as turbulências da semana passada. Soa estranho que ele fale em reaquecer os motores da indústria e retomar o desenvolvimento sem se demorar em referências à pobreza. De acordo com cálculos do Banco Mundial o brasileiro levaria 50 anos para ter uma renda suficiente para comprar alimentos de que necessita mesmo que a economia, neste período, cresça 3% ao ano.

Esta horripilante paisagem social, que Guariba trouxe à tona de novo, é que deveria ter peso decisivo agora. Ignorando-a, Maluf torna no mínimo pequenas demais as prioridades de seu programa. Diante do levante dos bóias-frias parecem igualmente inócuas negociações políticas que envolvem questões tão remotas como o parlamentarismo ou eleições em dois turnos em 1988. O inevitável divisor de águas produzido pela sucessão de Figueiredo tem que incorporar o país real. E este país real é mais parecido como que transbordou em Guariba do que com o que flui do programa de Maluf.

FLÁVIO PINHEIRO

Chefe da sucursal da 'Veja' no Rio

**(Página 11)**